



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU-CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS-DL**

LARA JAYANNE FERREIRA DA SILVA

**O GÊNERO CRÔNICA E AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO ESCOLAR NO
ENSINO MÉDIO**

PATU
2019

LARA JAYANNE FERREIRA DA SILVA

**O GÊNERO CRÔNICA E AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO ESCOLAR NO
ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras / Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Ma. Aline Almeida Inhoti

PATU
2019

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catlogação da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

F383g Ferreira da Silva, Lara Jayanne
O gênero crônica e as práticas de letramento escolar
no Ensino Médio. / Lara Jayanne Ferreira da Silva. - Patu,
2019.
55p.

Orientador(a): Profa. M^a. Aline Almeida Inhoti.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Letramento. Escrita. Identidade. Escola. I. Almeida
Inhoti, Aline. II. Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte. III. Título.

LARA JAYANNE FERREIRA DA SILVA

**O GÊNERO CRÔNICA E AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO ESCOLAR NO ENSINO
MÉDIO**

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Ma. Aline Almeida Inhoti

Aprovado em 08/10/2019.

Banca Examinadora

Prof.^a Ma. Aline Almeida Inhoti
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN
Orientadora

Prof.^a Ma. Beatriz Pazini Ferreira
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN
1º Examinador

Prof.^a Dr.^a Antonia Sueli da Silva Gomes Temóteo
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN
2º Examinador

PATU
2019

A Deus, por ser meu refúgio e fortaleza e a
minha família.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Deus por ter me dado toda força e perseverança para superar os obstáculos que surgiram nessa caminhada.

Agradeço a minha mãe Maria Luciene, guerreira, que me deu todo apoio quando eu precisei.

A minha avó Francisca Ferreira (*in memorian*) que sempre me incentivou e se orgulhou das minhas conquistas.

A todos meus familiares, que sempre estiveram ao meu lado, em especial a minha prima Mayres Domingos, por ter vibrado e comemorado comigo cada conquista.

Ao meu namorado Valderlan Medeiros, pelo cuidado, paciência, companheirismo e incentivo durante esses anos de graduação. Por sempre ter acreditado em mim e estado presente nos bons e maus momentos.

Meus agradecimentos aos amigos, em especial Maria Rayanne e Wisllanya Ferreira que fizeram parte da minha formação e sempre me incentivaram a lutar e perseverar diante dos obstáculos.

A minha Orientadora Aline Inhoti, por todo cuidado, paciência, incentivo, e suporte durante esse tempo. Por ser uma excelente profissional, que não mede esforços para ajudar seus alunos, motivando a sermos excelentes profissionais.

Aos colegas de faculdades, em especial: Paula, Fabiana, Felícia, Kely, Noemia, Roberta, Daniel e Ana Paula, pela parceria durante todo esse percurso.

A todo corpo Docente desta universidade, que dividiram saberes, incentivando os alunos a crescerem profissionalmente.

Agradeço as professoras da banca examinadora, pela disponibilidade, contribuições e por dividirem comigo esse momento tão importante.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte desse percurso, e me acompanharam durante minha formação.

Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.

Magda Soares, 2011

RESUMO

O letramento ao longo dos anos tem se tornado um assunto frequente muito estudado no contexto brasileiro. A escola, sua principal instância, tem como um dos objetivos ensinar os códigos escritos, para inserir os alunos nesse mundo do alfabeto. Sabendo das dificuldades vivenciadas por alunos em entender a escrita como uma prática social e pensando em nossa sociedade que tem a escrita como centro de organização de saberes, este trabalho tem como objetivo geral analisar a construção da identidade étnica de alunos da 1ª série do Ensino Médio de uma escola pública na microrregião potiguar por meio das práticas de letramento escolar, especificamente na escrita do gênero crônica. Estudar acerca do letramento e entender como se dá as práticas no ambiente escolar é pertinente por permitir entender como os alunos compreendem esse letramento e como ele está posto em suas produções escritas, em um olhar circunstanciado que leva em conta o aluno e seu contexto. Este estudo é relevante para o meio educacional por possibilitar compreender aspectos que podem ajudar no ensino e na aprendizagem. Foram utilizados como aporte teórico Bakhtin (1997), Candido (1992), Fonseca (1998), Kleiman (2005; 2010; 2014), Peirano (2014), Soares (2009; 2011), Street (2014; 2010), entre outros, para compreensão do *corpus* de análise. Para tanto, nesse estudo evidenciamos que existe aspectos escondidos nas escritas que constituem a identidade dos alunos, e notamos um afastamento entre o letramento escolar e os letramentos não institucionais, em que a escola ainda trabalha com práticas de ensino tradicional.

Palavras-chave: Letramentos. Escrita. Identidade. Escola.

ABSTRACT

Literacy has become over the years a frequent subject much studied in the Brazilian context. The school, main instance, its goal is to teach written codes to insert students into this world of the alphabet. Knowing the difficulties experienced by students to understand the writing as a social practice and thinking about our society that has writing as the center of knowledge organization, this work aims to analyze the construction the ethnic identity of students of the 1st high school series in a public school in the potiguar microregion through school literacy practices, specifically in the writing of the chronic genre. Study about literacy and understand how practices in the school environment is pertinent for allowing us to understand how students comprehend this literacy and how is put into their written productions, in a detailed look that takes into account the student and their context. This study is relevant to educational environment because it allows understanding aspects that can help in teaching and learning. As a theoretical contribution were used Bakhtin (1997), Candido (1992), Fonseca (1998), Kleiman (2005; 2010; 2014), Peirano (2014), Soares (2009; 2011), Street (2014; 2010), among others, to understand the *corpus* of analysis. Therefore, in this study we show that there are hidden aspects in writing that constitute the identity of the students, and we note a departure between school literacy and non-institutional literacy, in which the school still works with traditional teaching practices.

KEYWORDS: Literacies. Writing. Identity. School.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... | 10 |
| CAPÍTULO I – CONTEXTO SITUADO: UMA ESCOLA PÚBLICA NO INTERIOR DO SERTÃO POTIGUAR | 14 |
| 1.1 Contexto - o local de pesquisa | 14 |
| 1.2 Práticas de linguagem..... | 17 |
| CAPÍTULO II – OS LETRAMENTOS SOCIAIS, IDENTIDADE E A PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA..... | 20 |
| 2.1 Algumas considerações a respeito do letramento..... | 20 |
| 2.2 Letramento e a perspectiva teórico-metodológica da etnografia da linguagem... | 29 |
| 2.3 Identidade dos sujeitos..... | 32 |
| CAPÍTULO III – PRÁTICAS LETRADAS | 34 |
| 3.1 O gênero discursivo crônica e a prática de letramento escolar | 34 |
| 3.2 Identidade na escola: Quem é este aluno? | 38 |
| 3.3 As práticas escritas do gênero crônica..... | 45 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 48 |
| REFERÊNCIAS..... | 50 |
| ANEXOS | 52 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O estudo sobre o letramento é recente no contexto brasileiro, mas nos últimos anos esse termo tem sido muito abordado, por trazer questionamentos sobre o uso da escrita no meio social. Quanto aos problemas enfrentados no meio da educação relacionados com o índice de analfabetismo no Brasil, surge a necessidade de compreender como a escrita estava/está sendo usada em diversos contextos e situações de uso. Foi por meio da necessidade de entender esses novos acontecimentos no uso da leitura e escrita que emerge o letramento, tendo como objetivo a compreensão da escrita na sociedade e o modo como ela estava sendo utilizada nesse meio (SOARES, 2009). Dessa maneira, estudiosos desse campo de saber centraram e centram esforços para entender se e como a escrita faz sentido na vida dos indivíduos, levando em consideração que ela também é utilizada para atender demandas impostas pela sociedade.

Cientes da complexidade epistemológica do termo, sendo uma palavra de difícil conceito, o(s) letramento(s) é (são) definido(s) como o uso da leitura e da escrita como prática social. É importante lembrar essa forma plural da palavra, existindo diferentes eventos e práticas de letramento que vão de acordo com a cultura, a época e as classes sociais de cada indivíduo. Vale ressaltar que esse termo ao adentrar no contexto brasileiro foi mesclado com o processo da alfabetização, por ser algo que também trabalha com a leitura e a escrita. Com os avanços dos estudos da Linguística Aplicada, pesquisadores perceberam a diferença entre ambos os termos. Enquanto a alfabetização se preocupa em inserir as crianças no mundo da escrita, códigos (codificação e decodificação), o letramento é mais abrangente, é quando os indivíduos se apropriam da escrita e a utilizam como uma prática social (SOARES, 2009).

Mesmo sendo termos próximos, que se relacionam, existe uma forte diferença entre ambos, que os distingue. Segundo Soares (2009), a alfabetização é uma das práticas de letramento situadas no ambiente escolar, que insere os alunos no sistema ortográfico da língua, permitindo o uso de habilidades na leitura e escrita. Já o letramento envolve diversas práticas de uso da leitura e escrita, em diversas instituições, seja na família, igreja, seja na escola, são práticas de uso da escrita para um fim específico, atendendo a demandas sociais.

É necessário destacar esses dois fenômenos, por serem importantes para educação, visto que vivemos em uma sociedade grafocêntrica, a escrita como centro da organização de saberes e é uma tecnologia requerida, por muito, exigida nas situações e vivências das pessoas. Constitucionalmente, saber ler e escrever é direito do cidadão brasileiro, dada a importância dessas práticas sociais. Portanto, entender a função da escrita e saber utilizá-la é de suma importância, por vivermos em um mundo repleto de informações, letras e números, que exige um saber a um indivíduo ou a um grupo. De modo geral, uma pessoa para ser considerada letrada deve saber lidar com os diferentes usos da escrita na sociedade, para atender às necessidades específicas para sua vivência no mundo.

Diante da relação entre saber escrever, ler e poder atuar no mundo de maneira mais autônoma e cidadã é que este trabalho tem como problemática entender como os alunos da 1ª série do Ensino Médio de uma escola pública, no interior potiguar, constroem sua identidade nas práticas de letramento escolar por meio do gênero crônica. Movidos por esta problemática, buscamos responder às seguintes questões: Qual é a prática de linguagem predominante no contexto social dos alunos? O letramento escolar é trabalhado numa perspectiva social? Qual a identidade do aluno da escola pública no interior potiguar na prática de letramento escolar?

Pensar o escrever na escola é desdobrar, na história e na memória, uma das instituições de letramento reconhecida, que, por séculos centraliza o poder de ditar o que deve ser aprendido, como deve ser aprendido e o porquê aprender este e não aquele conteúdo. Com isso, foi concedido à escola o objetivo de ensinar a leitura e a escrita de forma significativa, para fazer com que os alunos percebam o poder, o saber e o valor que é atribuído à escrita na sociedade. Sendo a instância de letramento mais importante, a escola, socialmente, foi atribuída a responsabilidade de ensinar e mostrar o mundo dos códigos escritos aos alunos, existindo uma cobrança maior, por, também, levar o aluno a adquirir status na sociedade.

Desse modo, é pertinente analisar a construção da identidade étnica de alunos da 1ª série do Ensino Médio de uma escola pública na microrregião potiguar por meio das práticas de letramento escolar, especificamente na escrita do gênero crônica, por permitir compreender como esses alunos incorporam o letramento escolar e como ele está posto nas suas práticas escritas. Para tanto, os objetivos específicos são assim ordenados: discutir o letramento escolar no contexto situado,

da escola pública no interior do Rio Grande do Norte, explicando o gênero discursivo crônica como uma prática de letramento escolar e, ainda, identificar, nas práticas escritas do gênero crônica, como os alunos constroem sua identidade por meio do letramento escolar.

Para isso, a pesquisa tem como base teórica, Street (2014; 2010), Soares (2009; 2011), Kleiman (2005; 2010; 2014), sobre identidade e letramento enquanto prática social, Fonseca (1998) e Peirano (2014) sobre a etnografia da linguagem, Fiad (2013), Malvaccini (2014) sobre linguagens, Bakhtin (1997) sobre os gêneros discursivos e Cândido (1992) sobre o gênero discursivo crônica, para com isso compreendermos melhor o objeto de análise desta pesquisa.

Amparados teórico-metodologicamente, observamos que desde o início da escolarização trabalhar práticas de leitura e escrita no contexto do letramento faz-se necessário, para que os alunos desde cedo tenham a consciência do valor da escrita no meio social. Portanto, é importante fazer o aluno compreender que a escola é apenas uma das várias instituições e instâncias de letramento que existe na sociedade, que as pessoas participam assiduamente de eventos e práticas letradas que vão de acordo com suas atividades diárias.

Por ser visível que a sociedade preza os saberes da instituição escolar e valoriza a escrita ditada por essa instituição, é fundamental que as práticas letradas presentes levem em consideração o contexto da escola, do aluno, como também pensar o que esses estudantes gostam de ler, e quais são os eventos e práticas letradas que eles participam fora do ambiente escolar, pois essas práticas não institucionais também participam da construção da identidade dos sujeitos.

O ensino dos gêneros discursivos, enquanto prática escrita, pode facilitar na compreensão sobre esse valor social que é atribuído à escrita, fazendo os alunos perceberem a função social de cada texto escrito. A crônica, por exemplo, por trabalhar temáticas do cotidiano, pode levar o aluno a adentrar nessa escrita exigida por a instituição escolar, sem distanciar o aluno de seu contexto e suas práticas diárias. Este gênero discursivo pode ter em vista constituição dos textos dos alunos, como por exemplo, os letramentos não institucionais.

Ao vivenciar o ambiente escolar e constatar a dificuldades de alunos referentes ao entendimento da escrita como um fator social, fica clara a necessidade de pesquisar a respeito do tema, para compreender os motivos de tal problemática. Com isso, é pertinente que as escolas trabalhem na perspectiva do letramento,

levando em consideração a bagagem cultural dos sujeitos, para que haja uma aproximação dos letramentos não institucionais com o letramento escolar.

Dessa forma, através de pesquisas oficiais, censos, por exemplo, cujos resultados alarmam a crítica situação dos alunos no cenário brasileiro no que se refere à compreensão da leitura e da escrita como uma prática social, é relevante observar a produção escrita dos alunos, para que haja o entendimento do que constitui a construção desses textos.

Desse modo, este estudo é pertinente por trazer contribuições para a área da educação e da linguística, possibilitando aos professores de língua portuguesa o repensar o ensino dos gêneros discursivos, considerando o sujeito e suas práticas de linguagens fora e dentro do ambiente escolar, por perceber que, por meio destas práticas, são constituídas as identidades dos sujeitos.

Para realização desta pesquisa, foi feito um estudo na perspectiva etnográfica, de caráter intervencionista, com alunos da 1ª série vespertino de uma escola pública no interior do Estado Rio Grande do Norte, com o método dedutivo, e caráter qualitativo a fim de analisar e explicar as identidades dos alunos por meio de crônicas que foram produzidas em uma das oito aulas ministradas na escola, por meio do programa Residência pedagógica. Diante do grande número de crônicas produzidas, foram selecionadas três, cuja temática se assemelha.

Didaticamente, este trabalho está dividido da seguinte forma: o primeiro capítulo irá tratar sobre o contexto situado dos alunos, pensando tanto sobre a cidade, a escola, quanto sobre as práticas de linguagem presentes nesses lugares, para compreender o contexto em que os alunos estão inseridos.

O segundo capítulo abordará questões sobre o estudo do letramento, pensando a respeito de seu conceito, definição, e sua forma plural, como também reflexões sobre a perspectiva teórico-metodológica da etnografia da linguagem. E por último será feito a análise das práticas letradas, com foco no gênero discursivo crônica e a prática de letramento escolar, na busca por compreender a identidade do aluno nas suas práticas escritas.

Desta maneira, este trabalho visa a contribuir para reflexões acerca do letramento escolar e letramento não escolar e, ainda, possibilitar algumas considerações de como diminuir o distanciamento das práticas letradas do aluno com as práticas de letramentos não institucionais.

CAPÍTULO I: CONTEXTO SITUADO: UMA ESCOLA PÚBLICA NO INTERIOR DO SERTÃO

1.1 Contexto – o local de pesquisa

A presente pesquisa tem como contexto situado uma cidade no interior do Estado Rio Grande do Norte, região nordestina, que de acordo com o último censo possui uma população de 3,063 pessoas, completando no dia 19 de dezembro seus 56 anos de emancipação política. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tinha como nome “Várzea da Caatinga”, onde se localizava uma pequena povoação, ao lado de um rio, chamado Riacho da Caatinga.

Com o passar dos tempos, o povoado foi crescendo e adquirindo algumas conquistas, ganhou sua primeira escola no ano de 1935. Com os pequenos avanços, conseguiu se desmembrar do município de Almino Alfonso – RN, alcançando sua emancipação política no ano 1963, tornando-se município, sendo nomeada de Rafael Godeiro, através da lei nº 3.001, dados do IBGE.

O nome dado à cidade foi em homenagem a um líder político que era influência para esta região, chamado de Rafael Godeiro, que foi prefeito da cidade de Patu - RN (município próximo), e que ao residir na antiga Várzea da Caatinga trouxe mudanças para aquele povoado, junto com outras pessoas, colaborando na construção de uma capela, algumas casas, dentro outras coisas, segundo relatos de moradores.

Em 1947 incentivou os amigos de Várzea da Caatinga e o padre Agostinho Bohlem, para fundarem a capela daquele distrito, que passou a denominação de Várzea de Santo Antônio em homenagem ao seu Padroeiro. Em 1949 houve a consagração do Padroeiro com Missa Campal, festa e feira livre, no dia 13 de junho daquele ano. Com o incentivo os habitantes criaram gosto e começaram a desenvolver o lugarejo que se transformou mais tarde em Município com denominação de: “MUNICÍPIO DE RAFAEL GODEIRO, CIDADE DO MESMO NOME [...] (HEMETÉRIO, Filho. 2005, p.272)

Rafael Godeiro, junto com membros da cidade e amigos de outras localidades próximas, participaram do processo de fundação e desenvolvimento do povoado, ajudando em projetos de construções, incentivando o crescimento do povo daquela localidade. Segundo Hemetério Filho (2005), Rafael Godeiro era patuense, político, que sempre buscava ajudar os seus conterrâneos, sendo nomeado Juiz da Paz, por

dois anos nesse município. Ele também exerceu diversos cargos na política, foi prefeito de Patu, deputado estadual, um incentivo para sua família, que muitos também seguiram seus caminhos nesse ramo. Godeiro chegou a morar na Várzea da Caatinga, juntando-se a outras pessoas importantes daquela localidade para lutar pelo progresso do povo.

O local hoje configura-se como uma cidade pequena, interiorana, sua principal fonte de renda é a agricultura, existindo poucas oportunidades de empregos em outros ramos. É por esse motivo que muitos jovens e adultos se deslocam para outras localidades em busca de emprego e qualidade de vida. Existem várias cidades circunvizinhas que servem de apoio para Rafael Godeiro, em quesito de comércios, saúde, centrais de bancos etc. Uma delas é Patu-RN, localizada ao leste da referida cidade.

O município tem um déficit de histórias escritas, não possuindo nenhum registro oficial, apenas memórias dos moradores mais velhos, que transmite aos seus parentes pela oralidade, sendo passada de geração a geração, ou trabalhos de alunos que apresentam um pouco da história, cultura e lendas dessa localidade. Por falta de documentos escritos, a história e a cultura dessa cidade com o tempo podem se perder, pois, mesmo estando presentes nas práticas orais, o gafocentrismo escrito necessita de um registro para que se eternize e sirva de herança para toda população.

O poder libertador da escrita já é predicado quando se tece o argumento de que a posse da escrita permite que o possuidor, seja ele um indivíduo ou um povo, dedique suas faculdades mentais ao exercício de operações mais abstratas, superiores. (KLEIMAN, 2014, p.30)

A escrita é uma ferramenta importante para sociedade, pois é por meio dela que conseguimos registrar acontecimentos importante em uma cidade, país, pertencentes a uma dada cultura, tendo os costumes preservados por meio de registros escritos. Visto que os seres humanos vivem rodeados de informações, em que a escrita é fundamental, sendo requerida na maioria das situações, ela dá também às pessoas que as dominam a possibilidade de ter acesso a conhecimentos culturais escritos. Além do mais, ela possibilita a inclusão das pessoas a grupos socialmente e historicamente dominantes na sociedade. Através disso, percebemos

a importância da escrita para a sociedade, por isso a responsabilidade exigida e cobrada as escolas.

É nesse contexto que se configura o local de pesquisa, uma escola pública, constituída de ensino fundamental e médio, possuindo diversos projetos que incentivam o progresso do aluno. A escola dispõe de uma infraestrutura de primeiro andar, contendo biblioteca, sala de multiuso, auditório, salas de aulas, secretaria, dentre outros espaços. Seu corpo docente é formado por professores especializados, coordenadores pedagógicos etc.

A instituição forma dezenas de alunos todos os anos, em que alguns ingressam imediatamente no ensino superior. A escola já ficou como destaque da rede estadual do Estado do Rio Grande do Norte, pois apresentava índices positivos de aprendizagem, acima da média esperada. Atualmente, a instituição atende muitos jovens, dividido entre o ensino fundamental e médio.

Essa escola é parceira do Programa Residência Pedagógica (RESPED), programa que, na posição de participante e pesquisadora, possibilitou a realização desta pesquisa. O programa é aliado ao estágio, com isso, é nos dada a missão de exercitar teoria e prática e vivenciar o ambiente escolar. Para darmos início ao ano letivo e a prática em sala de aula, nos reunimos com o corpo escolar e foi proposto que cada turma trabalhasse um gênero discursivo, para fazer um diagnóstico (avaliação) nos alunos, com o intuito de analisar como estava o nível deles com relação a suas competências linguísticas e referidas séries, no quesito de leitura, produção textual e interpretação de texto. A 1ª série, turma na qual o trabalho foi centrado, ficou com o gênero discursivo crônica, foi por meio dele e das práticas vivenciadas em sala de aula que o interesse sobre o presente objeto de estudo se fez concreto.

A Residência pedagógica é um programa que visa a contribuição na formação dos professores, possibilitando uma articulação entre teoria e prática. Para isso, conta com parceria com escolas de redes públicas, por isso essa relação entre educação superior e a educação básica, possibilitando o desenvolvimento do discente em sua área de atuação.

Objetivo geral: Desenvolver no âmbito dos Cursos de Licenciaturas ofertados pela UERN projetos inovadores em parceria com as escolas de educação básica com o propósito de fortalecer a articulação teoria-prática no percurso da formação, por meio da

inserção do futuro profissional no campo em que atuará, potencializando assim, a integração entre as diferentes licenciaturas e a sua colaboração com as instituições escolares, bem como o aperfeiçoamento do estágio curricular supervisionado nos referidos cursos. Objetivos Específicos: - Fomentar a realização de novas experiências no âmbito dos cursos de Licenciatura da UERN, que venham fortalecer a formação inicial dos estudantes, com o propósito de construir e socializar saberes, vivências e reflexões favoráveis ao redimensionamento de estratégias de ensino-aprendizagem, capazes de contribuir com a formação continuada dos professores da Educação Básica atuantes nas escolas públicas [...] (PROJETO INSTITUCIONAL, 2018, p.01)

O programa foi lançado recentemente, tendo dado início no ano de 2018, possibilitando o aprimoramento dos discentes em sua formação. Mesmo sendo aliado ao estágio, possibilita um maior contato com o corpo pedagógico da escola, pois tem uma carga horária exigida e objetivos a serem cumpridos. O programa possibilita aos alunos o contato com sua área de formação, podendo despertar olhares de pesquisadores na prática docente.

É importante situar o leitor no local de pesquisa, adentrando na história da cidade e também sobre o contexto escolar, para compreendermos nuances presentes na escrita dos alunos, possibilitando ainda adentrar nas práticas de linguagem presentes desse local.

1.2 Práticas de linguagem

Após contextualizar a cidade, lócus da pesquisa, sabemos que o contexto reflete nas práticas de linguagens dos indivíduos, por isso a importância de entender sobre a linguagem e o para que ela serve numa sociedade. Portanto, para melhor compreensão, é por meio da língua que os indivíduos se comunicam e expressam suas ideias e opiniões, utilizando a fala e a escrita. Qualquer processo comunicativo exige uma linguagem, seja ela verbal ou não, pois para que haja interação no meio social é necessário a utilização desse sistema comunicativo.

[...] os sujeitos vão se apropriando da linguagem ao se constituírem como locutores, junto aos seus interlocutores; a apropriação da linguagem implica um trabalho do sujeito, o que significa que há um movimento do sujeito e uma recriação da linguagem em cada situação de interação; cada interação é, por um lado, um momento novo de produção linguística; [...] (FIAD, 2013, p. 463)

Desta forma, no mundo da interação, para transmitir algum tipo de informação seja em qual língua for, necessita-se de um processo comunicativo. E esse processo comunicativo vai desde o uso da palavra até os símbolos, utilizadas para compartilhar informações com alguma intenção. Com isso, cada momento de interação e de uso da palavra, pede uma forma e uma recriação da linguagem, que são definidos através do lugar e dos interlocutores do discurso.

A língua(gem) compreendida a partir dessa concepção de letramento é vista como uma forma social, pensando na interação dos sujeitos, por meio do contexto de situação de fala. “Como uma comunidade de fala tem várias esferas de práticas sociais, espera-se que o falante faça essas adequações de uso da língua ao contexto” (MALVACCINI, 2014, p.59). Cada ambiente exige práticas de linguagens que se dão de acordo com o contexto.

As práticas de linguagens ocorrem através do uso da língua e conforme a situação de fala, a bagagem cultural, o ambiente. Qualquer texto produzido (oral ou escrito), está baseado em práticas de linguagens que foram construídas ao longo do tempo, conforme as vivências e interações na sociedade.

O mundo é constituído por múltiplas práticas de linguagem, que se desenvolvem por meio da utilização da língua, indo de acordo com diferentes contextos e situações de uso. Através disso, é perceptível que a linguagem permite a comunicação entre os indivíduos, e é por meio dela que a língua se manifesta.

[...] entende-se a língua não como um sistema previamente construído, do qual os sujeitos se apropriam nas diferentes situações de interação, mas como um sistema que prevê recursos linguísticos que são explorados indefinidamente nas interações. (FIAD, 2013, p. 466)

Com isso, cada ambiente exige uma forma de utilização da língua que possibilita práticas de linguagem diversas, mediadas através dos contextos e das relações sociais, assim a comunicação entre os indivíduos se efetiva através da linguagem. “A linguagem incide sobre a personalidade, sobre a interação pessoal, social, cultural e trabalha a subjetividade do sujeito. Por isso ela é viva e sujeita às mudanças” (MALVACCINI, 2014, p.59). Com o passar dos tempos, as práticas de linguagens são renovadas, pois surgem novos termos e outros são esquecidos, por isso é importante pensar o conceito de linguagem como sendo constituído conforme o local, o contexto histórico e que varia de acordo com o contexto e a situação de

uso da língua.“[...] a linguagem é entendida como uma construção conjunta, considerando-se a realidade histórica em que opera” (LUCENA, 2015, p.71). A linguagem faz parte do ser humano e é utilizada em qualquer situação de comunicação.

Por existir uma diversidade de pessoas, que tem hábitos diferentes e costumes diversos, na escola existe múltiplas práticas de uso da língua que se diferenciam de acordo com a classe social dos sujeitos e através das formas de interações com o meio. “A língua é [...] um fato social, cujas existências se funda nas necessidades de comunicação” (BAKHTIN, 1997, p.14). É pela necessidade de comunicação que os indivíduos manifestam a língua por meio da linguagem.

Dessa forma, é importante entender que o ambiente escolar é composto por uma diversidade de pessoas, e pensar em linguagens nesse ambiente é entender que os indivíduos estão inseridos em práticas sociais diversas e que vão refletir na sua forma de linguagem “As múltiplas linguagens constituem um fator central para compreensão das práticas de letramento, uma vez que é através delas que nos apropriamos, reelaboramos e/ou repulsamos determinados discursos” (BUZEN, 2010, p.109). É necessário pensar a linguagem numa visão sociocultural, socio interacional, em que as pessoas se expressam e produzem discursos a partir de determinada cultura e contexto.

As práticas de linguagem do ambiente escolar assim, precisam considerar o sujeito e suas práticas fora da escola. “Sem linguagem, a co-construção e a transmissão de saberes na escola ou em outras esferas não seriam possíveis”. (BUZEN, 2010, p.110), uma vez que as atividades humanas estão organizadas em linguagens.

CAPÍTULO II: OS LETRAMENTOS SOCIAIS, IDENTIDADE E A PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA

2.1 Algumas considerações a respeito do letramento

Para a compressão sobre como é construída a identidade étnica dos alunos por meio da escrita do gênero discursivo crônica, faz-se necessário a discussão do capítulo anterior, para o entendimento do contexto em que os alunos estão inseridos. Para além, este capítulo centra o olhar sobre o entendimento do que é letramento, para com isso compreendermos o que são as práticas de letramento presentes no ambiente escolar.

Esse termo letramento é recente no contexto brasileiro e no meio educacional, surgindo através de algumas necessidades, em que se precisava compreender os diferentes usos da leitura e escrita em contextos diversos. Como apresenta Soares (2009), novas palavras são criadas ou se dão um novo sentido de acordo com algumas ocasiões, com novos fatos, ideias ou com a necessidades de compreender novos fenômenos. Foi por meio dessa realidade, de entender novos acontecimentos no mundo da leitura e escrita, que se fundamenta o letramento e necessidade de entender a escrita no contexto social.

Ao passar dos tempos a sociedade evoluiu e começou a exigir novos conhecimentos da leitura e da escrita, não era mais suficiente ser alfabetizado, os indivíduos necessitavam de um conhecimento que fosse além dos códigos escritos. Por isso, surge esse novo fenômeno para explicar o uso da escrita no meio social. Por ser um termo recém-chegado e de difícil conceito, muitos estudiosos confundiam ou mesclavam com o processo da alfabetização. Como apresenta Soares (2011):

[...] é preciso diferenciar o processo de aquisição da língua (oral e escrita) de um processo de desenvolvimento da língua (oral e escrita); este último é que, sem dúvida, nunca é interrompido. Não parece apropriado, nem etimológica nem pedagogicamente, que o termo alfabetização designe tanto o processo de aquisição da língua escrita quanto o seu desenvolvimento: etimologicamente, o termo alfabetização não ultrapassa o significado de “levar à aquisição do alfabeto”, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever; pedagogicamente, atribuir um significado muito amplo ao processo de alfabetização seria negar-lhe a especificidade, com reflexos indesejáveis na caracterização de sua natureza, na configuração das habilidades básicas de leitura e

escrita, na definição da competência em alfabetizar. (SOARES, 2011, p.15)

Mesmo a alfabetização e o letramento sendo processos que estejam ligados, existe uma grande diferença entre ambos, que exige uma distinção. Atribuir um conceito muito abrangente para a alfabetização é negar suas especificidades, pois, seu objetivo é ensinar os indivíduos os códigos da língua oral e escrita, inserindo-os nesse mundo do alfabeto. Ainda, conforme Soares (2011, p.15), “toma-se, por isso, aqui, alfabetização em seu sentido próprio, específico: processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”. Enquanto que o letramento é algo que vai além desses significados, abrange práticas de linguagem que envolve, cultura, lugar, tempo, classe social, pois são as práticas sociais do uso da escrita. Como apresenta Kleiman (2014), o letramento pode ser definido através de práticas sociais que fazem uso da escrita como sistema simbólico e possibilitam a interação em diversos contextos sociais. Portanto, essa compreensão da função dos textos na sociedade torna um indivíduo, de certa forma, letrado.

Como se pode perceber, o letramento não é alfabetização, por mais que sejam processos interligados, relacionados ou por utilizarem a leitura e a escrita como uma prática, ou seja, a alfabetização trata-se de uma prática de letramento do ambiente escolar, que faz uso da escrita para determinado fim.

Se considerarmos que as instituições sociais usam a língua escrita de forma diferente, em práticas diferentes, diremos que a alfabetização é uma das práticas de letramento que faz parte do conjunto de práticas sociais do uso da escrita da instituição escolar. (KLEIMAN, 2005, p.12)

Toda atividade que faz referência ou uso da leitura e da escrita são práticas de letramento, e a instituição escolar é o ambiente propício e historicamente autorizado para a utilização e uso desses termos, existindo diversas práticas letradas que formam o corpo escolar, e a alfabetização é uma delas.

Para entendermos melhor o letramento é necessário compreender de onde veio esse termo. Soares (2009) afirma que o letramento com o significado atribuído nos dias de hoje vem da palavra inglesa *literacy*, que proveio do latim *littera* (letra), com esse sufixo *-cy* que denota qualidade, estado, fato de ser. Com isso, ainda apresenta a autora: “*literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende ler e escrever” (Soares, 2009, p.17). Em consonância a isso, pode-se

compreender que letrado é o indivíduo ou grupo que utiliza a escrita para atender suas demandas na sociedade. Dessa forma, o valor atribuído à escrita é notório, algo que traz consequências benéficas para quem se apropria desse termo, pois numa sociedade gafocêntrica, conhecimentos escritos são essenciais. De acordo com Soares (2009):

[...] adquirir a "tecnologia" do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita - tem consequências sobre o indivíduo, e altera seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos; [...] (SOARES, 2009, p.18)

Em virtude disso, essas consequências causadas por utilizar a leitura e a escrita como uma prática social é a favor do ser humano, permitindo-lhes realizar atividades do dia a dia mais dinamicamente. Portanto, entender esse termo é importante para que os indivíduos compreendam que mesmo pessoas analfabetas podem ser letradas, podendo participar de eventos e práticas de letramento em sua rotina.

Uma pesquisa realizada na Inglaterra pelo estudioso Street (2014) mostra a imposição de um novo letramento trazido pelo os normandos que implicou uma mudança na “mentalidade letrada” dos indivíduos. Com isso, foi possível entender que o letramento é mais que aquisição de habilidades específicas, pois a imposição de novos conhecimentos em uma dada cultura que já tenha um letramento vindo de sua base histórica e cultural, envolve novos conhecimentos que vão refletir na identidade dos sujeitos. Conforme apresenta Street “[...] a mudança implica uma maneira de pensar, todo um panorama cultural, uma ideologia e não simplesmente uma mudança de procedimentos técnicos” (STREET, 2014, p.46). É compreender que o letramento envolve cultura, ideologias, são saberes aprendidos em determinados contextos, para utilidades de seu tempo. Como afirma o estudioso Street:

Membros de uma cultura, pelo menos em certos níveis de hierarquia, passaram a compartilhar novas opiniões sobre o status da palavra escrita e sua importância para alegações de veracidade. No século XI, direitos à terra e alegações de veracidade eram validadas, por exemplo, pela exibição de espadas ou outros símbolos de autoridade semelhantes, pelo uso de selos e pelo testemunho oral de um júri. Por volta do século XVI, certas classes de pessoas, como cavaleiros e o patriciado local, se referiam, com naturalidade, a material letrado como “pipe rolls”, documentos validados por um tabelião ou cartas precisamente datadas. Uma mudança desse tipo não ocorreu de

forma simples: ela envolveu profundas transformações no senso de identidade das pessoas e naquele que considerava ser a base do conhecimento. (STREET, 2014, p.46)

Quando são impostos novos conhecimentos sobre a escrita a determinadas comunidades, cidades, países, que já tem certos níveis conhecimento letrados de acordo com seu contexto, isso envolve mudanças, que vão caracterizar os sujeitos e sua identidade cultural.

A sociedade de hoje é repleta de informações, números, letras, que de certa forma inserem os indivíduos nesse mundo do letramento, por possibilitar o contato constantemente com a escrita. Para esclarecer algumas questões sobre eventos e práticas letradas, Street apresenta:

Para descrever a especificidades dos letramentos em lugares e tempos particulares, tenho considerado útil empregar o conceito de “práticas de letramento”, que é um desenvolvimento do conceito de “eventos de letramento” [...], o termo “evento de letramento” se refere a “qualquer ocasião em que um trecho de escrita é essencial à natureza das interações dos participantes e a seus processos interpretativos” [...] o conceito de “práticas de letramento” se coloca num nível mais alto de abstração e se refere igualmente ao comportamento e às conceitualizações sociais e culturais que conferem sentido aos usos da leitura e/ou escrita. As práticas de letramento incorporam não só “eventos de letramento”, como ocasiões empíricas às quais o letramento é essencial, mas também modelos populares desses eventos e as preconcepções ideológicas que os sustentam. (STREET, 2014, p. 18)

Essa citação deixa claro e evidente o porquê mesmo crianças e adultos ainda não alfabetizados, podem ser letrados e participar de eventos e/ou práticas letradas no seu dia a dia, pois qualquer atividade exercida que faz uso ou referência da leitura e escrita estão desenvolvendo o evento ou a prática de letramento, de acordo com a função da atividade. Por exemplo, se uma mãe tem costume de contar histórias para criança dormir, ela mesmo ainda não sendo alfabetizada, é letrada, pois, está participando de um evento de letramento, ou mesmo quando uma dona de casa dita a lista de compras para que alguém anote por ela, isso é uma prática letrada, utilizando a escrita para determinado fim. Portanto, o letramento é de suma importância para sociedade em que vivemos, estamos rodeados de informações e ações que pedem um certo tipo de conhecimento da escrita.

“Em sociedades tecnológicas, industrializadas, a escrita é onipresente. Ela integra cada momento de nosso cotidiano, constituindo-se numa forma tão familiar

de fazer sentido de nossa realidade que seu uso passa despercebido para os grupos letrados” (KLEIMAN, 2014, p.07). Eventos e práticas letradas fazem parte constantemente do dia a dia dos indivíduos, sejam eles alfabetizados ou não, pois costumam mesmo que sem perceber participar desses eventos, seja na “leitura” de panfleto promocional de supermercado, em que se faz referência a linguagem escrita ou mesmo na escrita de simples bilhete. Essas práticas de letramento estão atreladas ao contexto social em que o sujeito está inserido, pois de acordo com o dever de cada indivíduo essas práticas poderão mudar.

É necessário acrescentar que o letramento está relacionado à questões de poder, pois são as classes dominantes, historicamente, que ditam a forma e o modo como o conhecimento pode ser transferido, ensinado para as pessoas, através das instituições, como a igreja, a escola, por exemplo. Através da história do nosso país, podemos ter consciência que saberes de outras culturas adentraram e se firmaram no Brasil colônia, enquanto outros saberes já constituíam o Brasil antes da chegada dos portugueses. Então, os que aqui habitavam tiveram que aprender por imposição (também física), tipos de letramentos dos colonizadores. E foi diante do processo de colonização e de miscigenação que classes economicamente consideradas elevadas formavam-se e, nesta estratificação econômica e social, letramentos firmaram-se como dominantes em detrimento a outros letramentos, de classes menos abastadas ou de culturas diversas. A esses letramentos vindos de classes elevadas e os letramentos trazidos por outros são denominados, respectivamente, de letramento colonial e letramento dominante. Como apresenta Street:

[...] faço uma distinção de trabalho entre letramento “colonial” - trazidos por forasteiros como parte de uma conquista - e letramento “dominante” - trazidos por membros da mesma sociedade, mas que frequentemente pertencentes a diferentes classes, grupos étnicos ou localidades. (STREET, 2014, p.32)

Esses letramentos que são transmitidos pelas classes dominantes e que já vem também de outras culturas, trazidos por povos de outras nacionalidades, foram impostos para a maioria da população como o “correto”, tratando assim o letramento como singular. Porém, de acordo com os Novos Estudos do Letramento (STREET, 2014), o(s) letramento(s) é(são) (plurais), existindo diversas formas e práticas de letramento na sociedade, que se diferem de acordo com as classes, culturas e tempo.

O letramento que considera as múltiplas práticas de leitura escrita, pensando em sua natureza social, é denominado de letramento “ideológico”. Leva em consideração que quem determina as práticas de letramentos do sujeito são suas vivências, a cultura, ideologia, posição social. De acordo com Street:

[...] modelo “ideológico” de letramento, que reconhece que as práticas de leitura e escrita estão sempre inseridas não só em significados culturais, mais em alegações ideológicas sobre o que conta como “letramento” e nas relações de poder a ele associadas (STREET, 2014, p.13).

Compreender esse modelo é entender que os indivíduos participam de eventos letrados em sua rotina, indo de acordo com seus deveres diários, algo que também está relacionado a questões de poder, pois cada sujeito irá participar de práticas letradas que vão de acordo com sua condição de vida.

As instituições, o texto, os sujeitos são tratados de forma homogênea, independentemente do contexto social. O maior esforço, então, consiste em avaliar o que os sujeitos sabem sobre alguns textos escritos, com raras preocupações sobre como as pessoas os usam e o que fazem com eles em diferentes contextos históricos e culturais. (STREET, 2014, p.08)

Pensar nas práticas letradas é entender que elas variam de acordo com tempo, espaço, cultura, é tratar o letramento em sua forma plural. Somos postos em uma sociedade que envolve diversas práticas sociais que estão relacionados a questão de poder. Com isso, é de extrema relevância levar os indivíduos a refletirem sobre os textos escritos, pensando em sua funcionalidade, o para que é importante aqueles saberes na sociedade de hoje, voltar o olhar para a prática social.

O mundo letrado proporciona conhecimentos que vão além dos saberes ensinados na escola, são apreendidos conforme as culturas, épocas, lugares e práticas vivenciadas no cotidiano. As instituições de letramento, tais como igreja, escola, família, também falam muito sobre cada indivíduo, porque dentro dessas instituições existem práticas de letramento diversas, que exigem conhecimentos em números, letras, tecnologia, e esses saberes são proporcionados conforme as vivências e as diferentes práticas letradas.

Cada cidade tem sua cultura, suas práticas sociais e um contexto específico que pede diferentes usos da leitura e da escrita. Como mostra Street: “As práticas

letradas são produtos da cultura, da história e dos discursos” (STREET, 2014, p.08). Portanto, as práticas orais e escritas estão marcadas por discursos, contextos históricos e situações de uso indo de acordo com a localidade para atender necessidades dos indivíduos.

Cada região, estado, cidade, tem formas diversas de letramento, por exemplo, pessoas que vivem em pequenas cidades, numa microrregião, que a maior fonte de renda é a agricultura, e que a classe que predomina naquele meio é a classe economicamente considerada baixa, tendem a vivenciar certas práticas letradas que atendam suas necessidades. A escola dentro desse contexto e de todos os outros é referência para a população, sendo ela uma instituição que dita o saber e tem a oportunidade de mudar realidades. É nesse cenário que essa pesquisa se concretiza, os sujeitos enxergam a escola como uma forma de adquirir *status* e mudar suas realidades a partir dos saberes ditados naquele ambiente, pois são os saberes valorizados na sociedade.

Os saberes aprendidos fora da escola também determinam as práticas de letramento do sujeito, por isso, as escolas têm que sempre levar em consideração toda bagagem de conhecimento que os alunos possuem. “[...] o nível de letramento de grupos sociais relaciona-se fundamentalmente com as suas condições sociais, culturais e econômicas. É preciso que haja, pois, condições para letramento.” (SOARES, 2009, p. 68) Portanto, o contexto de vivência dos sujeitos é importante nesse processo, entender sua realidade é perceber quais são as práticas letradas que eles participam.

Percebemos que as práticas de leitura e escrita variam conforme cada indivíduo, indo de acordo com uma série de fatores e realidades. Sujeitos que vivem em capitais, suas práticas se diferem daqueles que vivem em cidades interioranas, como também conforme o sexo, cultura. Conforme Soares:

Assim, pessoas que ocupam lugares sociais diferentes e têm atividades e estilos de vida associados a esses lugares enfrentam demandas funcionais completamente diferentes: sexo, idade, residência rural ou urbana e etnia são, entre outros, fatores que podem determinar a natureza do comportamento letrado. (SOARES, 2009, p. 80)

Como já foi ressaltado, são esses fatores que determinam o comportamento letrado dos indivíduos. Cada realidade pede práticas letradas diversas, indo de acordo com os locais, empregos, escolaridade. A princípio, o contexto do sujeito é

importante para compreender suas práticas, de acordo com as instituições de letramento que os indivíduos estão inseridos, como a escola, igreja, família, determinam esse comportamento letrado.

Mesmo o sujeito tendo contato com diversas instâncias de letramento em sua vida, a escola, que para sociedade é a instituição que possibilita um status social ao indivíduo, é uma das mais valorizadas, sendo a “única” que possibilita uma elevação na classe social dos sujeitos.

Em virtude disso, é a instituição, legitimada para alcançar o mundo letrado que tem prestígio na sociedade, são saberes ditados e impostos por uma elite, por isso envolvem relações de poder. É considerada uma das esferas de letramento mais importante, por ter o objetivo de fazer o aluno se apropriar do sistema convencional da língua escrita e obter conhecimentos dos códigos orais e escritos.

[...] por meio da escolarização, as pessoas podem se tornar capazes de realizar tarefas escolares de letramento, mas podem permanecer incapazes de lidar com usos cotidianos de leitura e escrita em contextos não escolares - em casa, no trabalho e no seu contexto social. (SOARES, 2009, p.100)

As práticas e os eventos de letramento no ambiente escolar inserem o aluno no mundo da leitura e escrita, e essas práticas presentes nesse local, muitas vezes, voltam-se para o individual que, conforme Street (2014), é denominado letramento autônomo, voltado para o desenvolvimento de habilidades e competências individuais dos alunos. “A característica de “autonomia” refere-se ao fato de que a escrita seria, nesse modelo, um produto completo em si mesmo, que não estaria preso ao contexto de sua produção para ser interpretado; [...]” (KLEIMAN, 2014, p.21-22). Para esse modelo, a escola é a instância de letramento que possibilita os alunos desenvolverem habilidades e competências no uso da leitura e da escrita, tratando assim essas “habilidades” como algo separada do contexto de produção de uso. Perde, assim, o sentido do letramento enquanto prática social, (letramento ideológico). Street (2014) faz essa distinção entre esses dois modelos de letramento, buscando a reflexão sobre ensinar o valor social da escrita, para que os alunos interajam com o mundo que lhes cerca.

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal que ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se

afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, qual seja, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. (KLEIMAN, 2014, p.20)

Ressalta-se a importância de pensar o letramento escolar não somente como prática de aquisição do código da língua escrita, mas refletir sobre essa função social, no objetivo da escrita, pensar no para que serve, possibilitando assim o uso de estratégias para utilização diária. Ser letrado na sociedade de hoje é compreender a função da escrita nos vários contextos e situações de uso, é ainda ter criticidade a respeito dos textos que circulam na sociedade.

Contudo, existe a necessidade da escola trabalhar o letramento em uma perspectiva social e cultural, levando em consideração os sujeitos/alunos pertencentes a determinadas culturas e que tem suas práticas de linguagens fora do ambiente escolar: “[...] as práticas de letramento mudam segundo o contexto” (KLEIMAN, 2014, p.39), ou seja, os sujeitos, a partir de suas culturas e vivências no meio social, desenvolverão práticas de letramento que irão atender suas necessidades.

Em uma das pesquisas desenvolvidas por Street, ele apresenta alguns aspectos que formam as escritas dos alunos e por não estarem visíveis, ficam “escondidas” dentro dos textos. “[...] destaca a influências de fatores como poder e autoridade sobre a produção textual dos alunos” (STREET, 2010, p. 545). Essas influências, mesmo que de forma implícita, constituem a escrita dos alunos.

Enquanto os modelos dominantes de ensino de produção textual (...) tendem a enfatizar listas padronizadas a serem seguidos, geralmente focando a estrutura do texto (...), esta abordagem ocupou-se das dimensões escondidas que emergem nas avaliações da escrita acadêmica, e por muitas vezes permanecem implícitas. (STREET, 2010, p.542)

Street (2010) discute em seu trabalho algumas dimensões escondidas nas escritas de textos acadêmicos, que por seguir recomendações os alunos acabam não compreendendo o motivo da escrita, a finalidade do texto, deixando algumas questões implícitas, “escondidas” em suas escritas. Essas dimensões apresentadas por Street, são aspectos que marcam a escrita dos alunos, como estigmas,

preconceito linguístico, letramentos não institucionais, pontos que são constituintes das escritas desses indivíduos, mas que não estão explícitos.

O modelo dominante de ensino geralmente enfatiza alguns pontos que devem ser seguidos na hora da escrita, focando na estrutura dos textos. Através disso, algumas questões ficam subtendidas, surgindo essas dimensões que constituem a escrita desses sujeitos. Segundo Street “[...] i) há uma variedade de comunidades discursivas com suas próprias normas e convenções para a construção do conhecimento e o debate acerca dele, e ii) que os textos variam linguisticamente de acordo com sua finalidade e contexto” (STREET, 2010, p. 544). São essas dimensões que marcam a voz do sujeito dentro do texto, apresentando marcas de seu contexto situado, que determinam a variação linguística utilizada no local e sua identificação na prática escrita (não) escolarizada.

2.2 Letramento e a perspectiva teórico-metodológica da etnografia da linguagem

Trabalhar o letramento pensando numa perspectiva da etnografia é interessante porque o pesquisador entra em contato com seu objeto de estudo, podendo viver em seu meio, e observar suas práticas letradas. Os estudos etnográficos partem de um estudo de campo, de uma observação continuada em que o pesquisador gera seus dados a partir das vivências em determinados grupos.

Com isso, é importante entendermos sobre a teoria etnográfica, que consiste no estudo de um determinado grupo social, a fim de compreender pontos específicos sobre ele. Deste modo, é perceptível que se trata de uma pesquisa de campo podendo durar de meses a anos, sendo necessário o entrosamento entre pesquisador e pesquisado com o fim de entender a cultura desse grupo e como eles se organizam. Como apresenta Fonseca:

A etnografia é calcada numa ciência, por excelência, do concreto. O ponto de partida desse método é a interação entre o pesquisador e seus objetos de estudo, “nativos em carne e osso”. É, de certa forma, o protótipo do “qualitativo”. E — melhor ainda — com sua ênfase no cotidiano e no subjetivo, parece uma técnica ao alcance de praticamente todo mundo, uma técnica investigativa [...]. (FONSECA, 1998, p.58)

Apesar de ser um estudo de campo que vai além do que uma simples pesquisa, necessita que ambos os envolvidos estejam num constante diálogo para

que através disso seus dados sejam coletados. Trata-se de uma investigação para chegar a uma determinada conclusão sobre aquele grupo. “Enfim, o método etnográfico é visto como o encontro tenso entre o individualismo metodológico (que tende para a sacralização do indivíduo) e a perspectiva sociológica (que tende para a reificação do social)” (FONSECA, 1996, p. 9). Trata-se de um método que trabalha com uma perspectiva social, visando o estudo de um grupo.

Por causa do valor central do indivíduo em nossa sociedade, espelhado em toda uma corrente de pensamento científico (o individualismo metodológico), existe, entre nossos estudantes, uma forte tendência a isolar o indivíduo de seu grupo social. A “pesquisa de campo” se reduz a entrevistas quase terapêuticas entre apenas duas pessoas. (FONSECA, 1998, p. 62)

Como já foi mencionado, os estudos etnográficos visam um trabalho de interação entre o grupo e seu pesquisador e não se reduz a simples entrevistas que mantêm um distanciamento entre o pesquisador e o grupo entrevistado, é necessário a introdução dele nas vivências e cultura dos indivíduos, para que haja a compreensão de seu objeto de pesquisa.

[...] os informantes não foram escolhidos por serem estatisticamente representativos de algum tipo ideal. Mas, para o pesquisador tirar qualquer conclusão de seu material, foi necessário situar seus sujeitos em um contexto histórico e social. É só ao completar esse movimento interpretativo, indo do particular ao geral, que o pesquisador cria um relato etnográfico. (FONSECA, 1998, p. 61)

É necessário acrescentar que a pesquisa é realizada no local onde os dados estão sendo gerados e requer uma observação contínua e prolongada, em que o pesquisador compreende o contexto histórico e social daquele determinado grupo, partindo do particular ao geral, para que haja a compreensão sobre aquele contexto, podendo ser utilizados diversos artifícios para a coleta de dados.

Meu interesse aqui é pensar o método etnográfico como instrumento que pode enriquecer a intervenção educativa — quer seja de um professor com seus alunos da terceira série, a enfermeira com seu paciente ou o assistente social com seu cliente. Em todos os casos, o sucesso do contato educativo depende do diálogo estabelecido entre o agente e seu interlocutor, e é nessa área de comunicação que o método etnográfico atua. (FONSECA, 1998, p.59)

Portanto, como já foi bem ressaltado, a etnografia é um estudo que busca resolver questões em um grupo específico, por isso necessita do envolvimento com os indivíduos, tendo que se inserir dentro do campo de pesquisa. É um estudo que objetiva melhorias para o grupo estudado, pois chega a determinados conhecimentos que pode trazer avanços para aqueles indivíduos.

O estudo etnográfico vem sendo trabalhado nessa área do letramento, por possibilitar entender melhor um grupo, buscando compreender a base de sua natureza letrada. Com isso, estudo voltado para educação, pode contribuir para compreensão de alguns acontecimentos ocorridos dentro de sala de aula, por ser um estudo prolongado e está dentro da comunidade a ser estudada, vivendo em seu contexto, observa o comportamento dos envolvidos, facilita o entendimento de alguns fatores vivenciados pelos alunos no ambiente escolar, que reflete em seu comportamento letrado e que não são percebidos pelos professores.

Por envolver em geral um número pequeno de informantes e por insistir na importância do contato pessoal do antropólogo com seu “objeto”, o método etnográfico propicia, sim, o estudo da subjetividade. Porém, os sentimentos e emoções que são a matéria-prima dessa subjetividade não são os da psicologia individual. (FONSECA, 1998, p.63)

O pesquisador ao chegar a seu local de pesquisa pode se deparar com outras questões a serem estudadas, podendo com isso mudar seu foco de análise. Por estar infiltrado dentro de grupo, pode observar diversas questões, por isso a subjetividade não por ser de caráter individual.

A primeira e mais importante qualidade de uma boa etnografia reside, então, em ultrapassar o senso comum quanto aos usos da linguagem. Se o trabalho de campo se faz pelo diálogo vivido que, depois, é revelado por meio da escrita, é necessário ultrapassar o senso comum ocidental que acredita que a linguagem é basicamente referencial. Que ela apenas “diz” e “descreve”, com base na relação entre uma palavra e uma coisa. Ao contrário, palavras fazem coisas, trazem consequências, realizam tarefas, comunicam e produzem resultados. (PEIRANO, 2014, p.378)

A pesquisa realizada apresenta por meio da linguagem escrita, situações vivenciadas, estigmas e padrões dos alunos, mostrando como ocorreu a pesquisa, a forma, as estratégias utilizadas, a relação do grupo com o pesquisador. De fato, é preciso uma organização para descrever os acontecimentos vivenciados.

Tudo que nos surpreende, que nos intriga, tudo que estranhemos nos leva a refletir e a imediatamente nos conectar com outras situações semelhantes que conhecemos ou vivemos (ou mesmo opostas), e a nos alertar para o fato de que muitas vezes a vida repete a teoria. (PEIRANO, 2014, p.378)

Como apresenta Peirano (2014), a pesquisa na perspectiva etnográfica da linguagem é mais que um simples método, é a teoria sendo vivenciada, pois, os dados são gerados por meio das vivências, junto do objeto de estudo.

2.3 Identidade dos sujeitos

Para melhor compreensão do objetivo de estudo dessa pesquisa, faz-se necessário destacar alguns pontos, um deles é sobre identidade, objetivando entender como são construídas as identidades dos sujeitos. Como diz Kleiman: “[...] A identidade tem sido definida através da alteridade, da relação com o outro; [...]” (KLEIMAN, 1998, p.272). É notório que nesse processo envolve algumas questões, como o contexto social dos indivíduos, a relação com o meio e com o outro, que faz parte desse conjunto de atividades que os indivíduos têm que realizar diariamente e formam e os caracterizam enquanto sujeitos.

[...] entendemos a identidade como o conjunto de elementos dinâmicos e múltiplos da realidade subjetiva e da realidade social, que são construídos na interação. Consideramos a construção de identidades é constitutiva da realidade social das práticas discursivas, justamente com outras construções, como a construção de relações sociais entre os falantes e a construção de sistemas de conhecimentos de crenças (...). As identidades são (re)criadas na interação e por isso podemos dizer que a interação é também instrumento mediador dos processos de identificação dos sujeitos sociais envolvidos numa prática social. (KLEINAM, 1996, p.280-281)

Percebemos que os sujeitos constroem suas identidades através do meio, de realidade vivenciada e em interação com os indivíduos pertencentes a uma mesma cultura e contexto. Isso tudo é importante para que seja possível compreender o sujeito/aluno na escola e algumas de suas características identitária presentes em suas escritas. [...] “E ao aduzir ao termo identidade a expressão “sociocultural” já estou indicando que iremos examinar um fenômeno cuja inteligibilidade requer contextualizá-lo no interior das sociedades que o abrigam” (OLIVEIRA, 2000, p. 8).

Ou seja, os sujeitos vão construindo suas identidades através do tempo e da vivência no meio social, em contato com a escola, família.

Pensando nisso, sabe-se que o contexto histórico, cultural e social influencia diretamente nas identidades dos sujeitos, assim como também o contato com o outro, nos diversos ambiente em que o sujeito está inserido.

CAPÍTULO III: PRÁTICAS LETRADAS

3.1 O gênero discursivo crônica e a prática de letramento escolar

De acordo com a teoria apresentada, foi possível perceber que o ambiente escolar é constituído de múltiplos eventos e práticas de uso da leitura e escrita, pois é a instituição responsável por ensinar os códigos escritos aos alunos. “Assim, pensar o letramento escolar pressupõe também refletir sobre as culturas escolares que nos apresentam um conjunto de cenas de letramento específicos dessa esfera [...]” (BUZEN, 2010, p.102). Portanto, a escola tem práticas específicas de letramento, que se diferem de outras instituições, por ter a responsabilidade de apresentar a leitura, a escrita, e sua forma padrão (norma considerada culta).

Em vista disso, como exposto, a escola é a esfera que ensina diversas práticas letradas aos alunos. Tais práticas, em termos de língua(gem), são concretizadas e constituídas por gêneros discursivos, uma vez que é através deles que expomos nossos pensamentos e fazemos uso da linguagem. Como vimos, os gêneros se adequam aos ambientes, sendo utilizados conforme a situação comunicativa. Como apresenta Bakhtin:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar de um modo especial a heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano (com a 280 diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas) [...] (BAKHTIN, 1997, p.280-281)

Com isso, ficou perceptível que os gêneros discursivos são utilizados de acordo com as ocasiões e com a esfera de utilização da linguagem. Como a escola requer atividades que explorem a leitura e a escrita, envolve diversos aspectos que irão acarretar no uso dos gêneros discursivos, uma vez que as atividades são selecionadas a partir do trabalho com esses gêneros.

Notamos, através das aulas ministradas no local de pesquisa, que as práticas de letramento do ambiente escolar se fundamentam justamente por meio desses gêneros, sendo eles utilizados para qualquer forma de manifestação da língua. “Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre

relacionadas com a utilização da língua” (BAKHTIN, 1997, p.280). Assim sendo, a escola tem práticas de letramento específicas, em que são utilizados os gêneros discursivos para mediar o ensino, principalmente de língua materna. Lembrando que a instituição escolar, historicamente configurada, em seu currículo, para uma elite letrada, preza o ensino de alguns gêneros, como a crônica, o conto, o artigo de opinião, enquanto que outros são estigmatizados.

Deste modo, como o gênero de interesse para esta pesquisa é a crônica¹, buscamos apresentar como foi feito o trabalho com a turma que possibilitou a geração de dados para esta pesquisa. De início, queremos salientar que a posição ocupada em sala de aula, pela pesquisadora, foi de residente. Sendo respeitada a hierarquia escolar, não houve uma autonomia em sala no que tange aos assuntos estabelecidos por meio do corpo escolar.

Antes de adentrarmos na discussão e análise sobre a prática letrada do gênero crônica em sala de aula, é importante apresentar uma contextualização sobre o gênero em questão. Candido (1992) em seu texto “A vida ao rés do chão”, relata que o gênero crônica não é um gênero “grande”, por isso está mais próximo de nós, apresentando uma linguagem mais simples, para falar do nosso ser mais natural, nosso dia a dia, “pega” o simples e transforma em algo gigante.

[...] ela não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou cotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível, isto é, há uns 150 anos mais ou menos. No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu. (CANDIDO, 1992, p.15)

Antes de adentrar nos livros, a crônica foi criada para as páginas de jornais, apresentado fatos do dia e conforme Candido (1992) não tinha pretensão de durar, mas quando passam a ser publicados nos livros, é percebido que pode durar bem mais tempo que mesmo imaginava.

¹ A escolha por este gênero discursivo, e não por outro em seu lugar, deu-se pelo fato de que a crônica, no momento da observação participante enquanto pesquisadora e, também, na atuação enquanto residente, estava programado no planejamento das aulas do professor regente da turma.

Nas aulas, o início dos trabalhos com esse gênero discursivo² foi ministrado pela professora da turma. Foi apresentada a leitura de uma crônica e indagado sobre o gênero, temática e características, com o objetivo de analisar o conhecimento prévio que os alunos tinham sobre o assunto. Logo em seguida, a professora regente explicou que quem daria continuidade ao assunto seriam as residentes (alunas do 7º semestre do Curso de Letras, do Campus Avançado de Patu – UERN, participantes do programa Residência Pedagógica), na semana posterior.

Na sequência das nossas atividades, quando retomamos o assunto do gênero discursivo, levamos algumas crônicas para análise em conjunto com os alunos, indagando sobre o que a crônica abordava. Com isso, vimos que esse gênero está próximo da realidade e da linguagem dos sujeitos/alunos, por ser simples e poética, facilitando o processo de entendimento da sua temática. Como apresenta Candido, “[...] a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. (...) pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas” (CANDIDO, 1992 p.14). Ou seja, com relatos de situações simples, apresenta grandes fatos, trazendo até algumas reflexões, o que nos possibilitou sentir o interesse da turma.

Ao darmos continuidade, trabalhamos as características da crônica, suas especificidades, temáticas e estilos, vimos que de certa forma a crônica aproxima os alunos de sua realidade, por apresentar fatos do cotidiano, levando-os a refletirem e voltarem o olhar para seus contextos.

Como apresenta Candido (1992), a crônica está bem próxima de nós. Por essa razão, os alunos se familiarizam rapidamente com os assuntos, pelo fato do cronista, através de relatos curtos, simples e subjetivos, criarem grandes narrativas, manifestando-se através de vivências do mundo real. Notamos que o trabalho com a leitura e escrita torna-se mais prazeroso, por adentrar em assuntos de interesse dos alunos. “[...] ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural”. (CANDIDO, 1992, p.13). A linguagem foi considerada, pelos alunos, simples, não sendo tão complexa, mais fácil de ser compreendida.

² A opção pela utilização da nomenclatura gênero discursivo e não gênero literário se deu devido a área e a perspectiva da escola, por ser uma aula de língua portuguesa e, também, por respeito à nomenclatura e a postura teórica da professora da turma.

Nas aulas trabalhamos dois tipos de crônicas, a jornalística e a humorística³, objetivando a reflexão, por parte dos alunos, das características e especificidades do gênero. Vale ressaltar que esse gênero dispõe de nove tipos (Crônica descritiva, narrativa, dissertativa, narrativo-descritiva, humorística, lírica, poética, jornalística e histórica), mas que trabalhamos somente os dois tipos relatados acima.

Enquanto grupo de trabalho, antes de entrarmos nas características, levamos uma crônica de cada estilo aos alunos, para permitir a reflexão sobre a funcionalidade, solicitando-os para notarem o que forma o estilo dos dois tipos de crônicas. Buscamos trabalhar o gênero em sua totalidade, desde o contexto de produção, a estrutura, até suas temáticas, possibilitando aos alunos o entendimento da sua função social na sociedade.

No caso da crônica, talvez como prêmio por ser tão despreziosa, insinuante e reveladora. E também porque ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo que ela não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força dos seus valores próprios. (CANDIDO, 1992, p.15)

Percebemos que esse gênero dá voz aos alunos, pois como diz Candido (1992) é um gênero que nos fala de perto e de forma simples. Permite a entrada do contexto dos alunos no ambiente escolar, por ser algo voltado ao cotidiano. Com isso, necessita que o aluno reflita e volte o olhar para seu contexto, analisando o que está a sua volta.

No decorrer das aulas e desenvolvimento do assunto, notamos que os alunos se interessaram mais pela crônica jornalística, seja pela estrutura, seja pela temática que esse gênero possibilita. Ao finalizarmos o assunto, solicitamos a escrita de uma crônica, objetivando perceber se os alunos compreenderam o assunto e função na sociedade.

As orientações para a escrita da crônica, a temática e estilo ficou em aberto e a escrita da crônica jornalística foi a maior produção dos alunos⁴, chamando atenção

³ O trabalho com os dois tipos de crônicas, jornalística e a humorística, foi-nos solicitado pela professora da turma. Salientamos o reconhecimento de mais tipos de crônicas e as convergências e divergências de autores do campo da literatura ao classificá-las, porém, direcionados pela professora regente e, também, como foco deste trabalho, concentramo-nos nos dois tipos já citados.

⁴ Foram 25 crônicas produzidas, sendo 23 delas caracterizadas como jornalísticas e as outras 2 humorísticas.

pela estrutura e temática. Esse gênero, como vimos, possibilita o ensino da leitura e a escrita de forma significativa, atendendo necessidades específicas dessa esfera, ou seja, se desenvolvendo para atender situações comunicativas desse local.

Ou seja, a escola é um lugar de produção de textos (com fins pedagógicos e/ou para o funcionamento dos múltiplos processos de socialização que nela têm lugar) por sujeitos que possuem papéis sociais, status e funções a eles relacionadas [...]. (BUZEN, 2010, p.103)

Vimos que as práticas de letramento desse ambiente trabalham a leitura e a escrita de forma específica, pois é a instituição da sociedade responsável por essa tarefa, de inserir os alunos nesse mundo da escrita, visando sua utilidade em nossa sociedade. A escola, com isso, é a esfera que possibilita o contato com a forma da língua padrão utilizada pela elite e as instituições de poder, tendo as práticas da leitura e escrita adequadas para serem trabalhadas nesse ambiente, utilizando, como vimos, alguns gêneros discursivos como mediação.

3.2 Identidade na escola: Quem é esse aluno?

Com o objetivo de analisar a construção da identidade étnica de alunos da 1ª série do Ensino Médio de uma escola pública na microrregião potiguar por meio das práticas de letramento escolar, especificamente na escrita do gênero crônica, constatamos que a crônica adentra as práticas de letramento da instituição escolar, trabalhando a leitura e a escrita, permitindo uma reflexão dos alunos com seu contexto. Com isso, percebemos as práticas de letramento influenciando transformações identitárias.

A produção dos alunos possibilitou um olhar de pesquisadora, buscando nas escritas a investigação sobre a identidade destes participantes. A turma é relativamente grande sendo composta por 28 alunos, (alguns faltaram no dia da produção escrita) com isso, diante da quantidade de crônica produzidas pelos alunos, criamos um critério para escolha, sendo selecionada três que forma o *corpus* de análise desta pesquisa, vale lembrar que em anexos, não apresentamos todas as crônicas, apenas uma amostragem (crônicas analisadas). O critério de escolha deveu-se à temática em si, todas envolvendo sonhos e mudança de vida. Esta temática interessou-nos, particularmente, por nos possibilitar questionar “por que a escrita da crônica com este tema e não outro?”, pergunta esta que, diante do

objetivo do trabalho, permitiu-nos um olhar analítico frente às produções do texto. Na tabela a seguir elencamos algumas das características constituintes das identidades desses sujeitos. As crônicas estão disponíveis nos anexos 1, 2 e 3 deste trabalho.

| Observações e análises das produções textuais | Aluno A | Aluno B | Aluno C |
|--|---------------------|---------------------|---------------------|
| Temática | Mudança de vida | Mudança de vida | Mudança de vida |
| Aspectos linguísticos da escrita do gênero crônica | Marcas de oralidade | Marcas de oralidade | Marcas de oralidade |
| Dimensão social | Ascensão social | Ascensão social | Ascensão social |
| Aspectos de inscrição do aluno no gênero crônica | Subjetividade | Subjetividade | Subjetividade |

As temáticas escolhidas pelos alunos estão relacionadas a mudanças de vida, ocasionadas por algo ou alguma coisa. O texto do aluno A (ver o anexo 1), tematicamente, aborda a mudança de vida por meio do esporte, mais especificamente do futebol, algo que lhe trará benefícios e conquistas. Já a crônica do aluno B (ver anexo 2) tematiza a mudança de vida por meio da educação superior, mesmo que seja “tardia”, pelo fato da personagem da narrativa já ter uma idade considerada avançada para os estudos. O texto do aluno C (ver anexo 3) teoriza a mudança de vida devido ao acidente ocorrido em meio a sua carreira, mas não desiste e dá a volta por cima, dando continuidade ao seu sonho.

Nas três narrativas foram percebidas marcas de oralidade, variedades linguísticas utilizadas no dia a dia dos alunos e que são constituintes de suas identidades, como o uso do “a gente”, “purai”, e as repetições, utilizadas muito na fala.

Como dimensão social escondida, foi possível observar nas três crônicas a tentativa de ascender, em que os alunos veem a ascensão por meio do esporte (o futebol), da educação superior e da determinação, que mesmo depois do acidente, o

personagem (texto do aluno C) objetiva permanecer no mesmo padrão de vida que tinha antes do ocorrido.

Foi analisado, também, que elas apresentam uma subjetividade, tanto por meio da lição que todas apresentam (ver os anexos 1, 2 e 3), como também pelo uso da primeira pessoa do plural, marcando a entrada do aluno no texto (voz do aluno). Essa lição é uma ponte que liga leitor ao cronista, um diálogo que ele cria para nos falar mais de perto.

Como apresenta Kleiman (1998), “[...] a identidade seria resultado dos processos de identificação durante a interação, a partir dos objetivos e interesses estratégicos dos falantes durante a comunicação em curso” (Kleiman, 1998, p. 277). Sabemos que as identidades dos sujeitos/alunos são construídas de acordo com seu contexto, com as práticas de letramento presentes em sua cultura, cidade, meio. Sendo que as instituições de letramento, como igreja, família, escola, também fazem parte da construção da identidade desses sujeitos. Eles vão se modificando de acordo com esses conhecimentos adquiridos na sociedade. Isso tudo reflete na escrita dos indivíduos, trazendo marcas do contexto e da interação do meio social.

Uma das questões que podemos elencar como sendo constituintes de suas identidades é a linguagem, que são construídas através das interações com o meio em que vivem. Como o contexto social dos alunos limita-se a uma cidade interiorana, pequena, situações vivenciadas são, segundo conversas informais com os alunos, bem limitantes.

O aluno A, na sua escrita intitulada “A Luta por um sonho”, relata os desafios de um garoto para conquistar seu sonho, em que o financeiro é quem determina essa luta. Vejamos um trecho da narrativa:

Um jogador de futebol, Adriano, começou a jogar bola no ABC de natal, ele queria muito um dia realizar seu sonho de jogar no real madrid, mas não tinha condições financeiras. Então, começou a trabalhar para ajudar a sua família.⁵

Já de início percebemos que o time ABC de Natal não lhe dá tanto *status*, nem dinheiro, e que a ascensão social do indivíduo só será possível se ele for jogar em um time renomado. Nota-se pelo sentido e construção do texto, a voz do aluno,

⁵ Na representação da escrita do aluno, foram respeitadas as marcas linguísticas da mesma forma que o aluno, em seu texto, escreveu.

trazendo muito sobre seu contexto, uma dimensão escondida estudada por Street e que constitui o texto dos alunos. Percebe-se ainda que o aluno tem a consciência que para um jovem do interior chegar em um time admirado como o Real Madrid necessita-se de dinheiro e destaque estando entre um dos melhores. Vejamos a seguir outro trecho da narrativa:

Então, quando ele acabava no trabalho, ia direto para os treinos, (só que acho que isso ficava muito pesado para o jogador) e ele percebeu que poderia mudar a vida da família se joga-se bem, então investiu mais na tua carreira de jogador. E purai o jogador começou a se destacar, ele realmente tinha feito a escolha certa. E ele recebeu propostas de clubes maiores e foi parar no real madrid, melhorando a vida da sua família.

O olhar investigativo percebe que o aluno cria um sentido para a narrativa, mesmo apresentando alguns desvios de ordem formal/gramatical, desvios estes que dificultam, em um primeiro momento, a leitura do fragmento. Atentamo-nos para o uso do “purai”, um termo coloquial, sendo mais uma linguagem utilizada no seu cotidiano. Esta marca da oralidade na escrita, sendo uma escrita em uma produção escolar possibilita, ao mesmo tempo, verificar a aproximação da temática com o cotidiano do aluno (seja em vivência próxima seja por meio das mídias que, constantemente, afirmam e firmam o sucesso profissional e financeiro de jogadores de times do exterior) seja a não apropriação da língua(gem) formal, padronizada e ensinada na escola.

Vejamos o trecho que finaliza a crônica do aluno A:

Portanto, persistir no que quer sempre, pois Adriano correu atrás e conseguiu vencer na vida, porque você também não conseguiria? e melhor investir nos seus sonhos pois vale apenas.

Notamos uma dimensão escondida que forma a identidade desse aluno, ou seja, que para ele vencer na vida é ter dinheiro, a ascensão social se dá através do financeiro, apresentando mais um aspecto que caracteriza a sua identidade. Street (2010), como mencionado no capítulo 2, realizou uma pesquisa em textos acadêmicos, apresentando dimensões escondidas nas escritas dos alunos, essas dimensões estão voltadas para a constituição desses textos. O que necessita de olhar crítico sobre suas escritas, que muitas vezes não são percebidos pelos

professores, por eles voltarem o olhar para aspectos linguísticos, normas gramaticas e não para o sentido e o seu efeito.

O texto do aluno também nos traz a ideia de o que vem de fora é mais valorizado, porque é o que dá status e que vai fazê-lo ascender. Vimos que no final da narrativa ele aproxima o leitor do texto quando nos lança uma pergunta: “porque você também não conseguiria?”, chamando o leitor ao texto, mesmo que, para o próprio aluno, esta condição de mudança de vida pareça distante, devido a sua realidade e condição limitante de seu contexto.

[...] a identidade já é definida pelas posições sociais dos interactantes, com a interação apenas mudando o foco, as relações de poder também seriam determinantes na produção de relações e identidades sociais na interação. (KLEIMAN, 1998, p. 278)

Com base nisso, vemos que a posição social do sujeito fala muito sobre ele, como também as relações de poder, no caso a escola, que já tem os assuntos selecionados por pessoas adequadas. Com isso, vemos que as identidades desses alunos vão sendo construídas através do meio, de suas práticas de linguagens, situações de interação com determinadas pessoas e através das práticas de letramento que eles estão inseridos, adequando-se apenas ao local e situação comunicativa. Os alunos enxergam a instituição escolar como uma possibilidade de ascensão social (subir na vida).

Outra crônica selecionada para análise é intitulada “Sonhos”, apresentando temática parecida e que também tem uma lição, assim como a analisada anteriormente. O Aluno B relata sobre a vida de uma senhora que consegue realizar seu sonho de entrar na universidade e cursar, a graduação em Direito. Vejamos um trecho a seguir:

| |
|--|
| Uma senhora de 71 anos, aparentemente bem, conseguiu realizar o seu grande sonho, entrar em uma faculdade de direito, por anos não teria tentado por medo de algumas opiniões. |
|--|

Como podemos perceber, o aluno B utiliza um assunto que permite uma reflexão crítica, cria um contexto e se envolve com a narrativa. Pelo exposto, notamos que para o aluno, existe uma idade “certa” para estudar, sendo que ultrapassada é considerada como um empecilho. Vejamos o trecho a seguir.

Se cada um daqueles que estavam lá não tivesse lutado pelo o que queriam, nem estariam ali, e se cada agricultor que sonhava em ser médico tivesse tentado, talvez também estivesse ali.

Esse trecho traz uma lição para a história, que a luta é essencial para a conquista de um sonho. Ele ainda apresenta duas profissões renomadas, de alta demanda, (Direito e Medicina), sendo que elas poderão possibilitar uma boa condição financeira para quem a escolher, por ser umas das mais valorizadas em nossa sociedade. Vemos que a ascensão para o aluno B se dá através da educação superior, colocando como um sonho, uma meta de vida. Também é perceptível marcas de oralidade através da repetição das palavras, sendo recorrentes na oralidade. Vejamos outro trecho da escrita do aluno B:

Nunca vai importar a idade, nunca será as pessoas, sempre será o que você faz sobre a situação.

O aluno traz um tom poético para o texto, sempre pensando na palavra e em seu efeito. Podemos notar a voz do discente dentro da narrativa, com marcas de seu contexto, sempre com tom de motivação frente aos obstáculos que lhe é imposto pela vida “limitante”.

Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (CANDIDO, 1992, p.13-14)

Como vimos, no momento que os alunos entram em contato com a escrita do gênero criam um vínculo, reconhecendo o por meio da linguagem simples e objetiva, pela temática, por estar relacionado a verdade, ao cotidiano. Em uma análise mais aprofundada, permite encontrar os conhecimentos escondidos, que falam muito sobre o aluno e seu contexto. Esses aspectos escondidos só são percebidos quando voltamos o olhar para o sentido, para a voz do autor, seu contexto e realidade, quando não estamos focados somente em analisar as estruturas, aspectos linguísticos e erros ortográficos.

Analisando a crônica do aluno C, percebemos aspectos que formam a identidade desse aluno, que está relacionado as anteriormente analisadas. Sua

crônica intitulada “superando os limites” fala sobre um jovem que após sofrer um acidente e perder uma das pernas, consegue se superar. Vejamos um trecho:

Se todos conseguissem enfrentar seus próprios limites e através de sua própria força de superação, enfrentassem seus medos a gente levaria nossa sociedade em avanço. Felipe, mesmo sem uma das pernas, desafiou seus limites até alcançar seu objetivo.

Analisando o texto, notamos que o aluno se identifica com o gênero no quesito de sensibilidade, poética e subjetividade, marcas que caracterizam o gênero crônica, e como diz Candido (1992), ela é reveladora e permite que o autor sinta as palavras. Com isso, percebemos que o aluno C adentra o texto, tanto através do assunto, como por meio da linguagem. Assim, foi possível perceber que seu texto também apresenta marcas de oralidades, como o uso do “a gente”, não que seja um termo “errado”, mas que marca a identidade desse aluno, sendo que ele adentra no gênero por meio da escrita, mostrando marcas de seu cotidiano, de suas vivências na sociedade.

Assim como Felipe, precisamos superar nossos limites e enfrentar tudo aquilo que parece impossível, pois, se as pessoas não tentassem se superar a humanidade não teria chegado a modernidade e avanço que chegamos, mesmo que digam que você não é capaz, você irá saber se tentar.

Nesse trecho a ascensão social vem através da força de vontade, determinação, sendo que o limite físico não impediu novas conquistas, marcas do capitalismo, a noção de que o primeiro lugar é o “melhor”. Os aspectos escondidos que constituem o texto dos alunos estão além da estrutura, estando presente no sentido, na forma que eles se colocam dentro da narrativa.

Os três textos analisados nos apresentam aspectos escondidos que mostram as características identitária dos cronistas. Ambos chamam o leitor para o texto através da lição de moral, apresentando marcas de subjetividade tanto pelo uso da 1ª pessoa do plural, como pela utilização da reflexão, do “chamamento”, a partir de uma linguagem simples do cotidiano. Percebemos marcas de identidade que os alunos acreditam que a ascensão social vem pelo financeiro, educação superior e força de superação. Através das dimensões escondidas podemos perceber algumas questões constituintes da formação dos sujeitos que marcam suas identidades,

relações sociais, de poder, que estão postos em suas escritas, mas não são percebidos por não estarem implícitas, necessitando de uma análise mais aprofundada. Essas dimensões permitem que sejam percebidos a voz de quem escreve, trazendo aspectos de seu contexto, traços de suas vivências na sociedade.

Ainda é importante ressaltar nas escritas dos alunos a confusão percebida com relação ao entendimento do gênero. Eles não reconhecem a crônica em si, mas sim o conto, por isso, mesmo classificando suas crônicas como jornalísticas, percebemos que elas se aproximam da narrativa-descritiva, por parecer ou mesmo se relacionar com o conto tradicional.

3.3 As práticas escritas do gênero crônica

Conforme abordado no tópico anterior existe aspectos escondidos nas escritas dos alunos que marcam suas identidades, que requer um olhar voltado para o sentido que o texto apresenta, o que determina o dizer do aluno. Como explicado anteriormente, as crônicas foram selecionadas pela temática, mas que ao adentrar na análise percebemos que ambas seguem um modelo de educação tradicional. “[...] esse é o modelo que hoje em dia é prevalente na nossa sociedade e que se reproduz, sem grandes alterações, desde o século passado [...]” (KLEIMAN, 2014, p.21). Esse modelo de ensino se contrapõe ao ideológico apresentado por Street, que considera o sujeito e as suas práticas vivenciadas no dia a dia, sendo que elas estão associadas a cultura, a cidade.

Kleiman (2014) resalta que a escola é uma das agências de letramento mais importante na sociedade, que introduz o aluno nesse mundo formal da escrita, mas que ainda está voltado o olhar para uma das práticas de letramento exigida pela instituição, que é o alfabetização, na qual trabalha os códigos, mas voltados para competências individuais. Com base nisso, a análise das produções dos alunos, possibilitou-nos percebermos que o ensino ainda permanece em um modelo padronizado, que não possibilita o aluno enxergar além do que está posto, pensando na circulação dos textos, e em suas funções nessa sociedade.

Quando fomos trabalhar com a crônica jornalística, levamos uma de Carlos Heitor Cony “A luta e a lição” (anexo 4) para adentrarmos no assunto e trabalharmos as características por meio dela. Na hora da escrita, as produções dos alunos,

seguiram a lógica do texto de apoio, com relação a estrutura apresentada pelo gênero. Vejamos a esquematização abaixo.

| Aluno A | Aluno B | Aluno C |
|---|--|---|
| Um jogador de futebol, Adriano, começou a jogar bola no ABC de natal, ele queria muito um dia realizar seu sonho de jogar no real madrid, mas, não tinha condições financeiras. | Uma senhora de 71 anos, aparentemente bem, conseguiu realizar o seu grande sonho, entrar em uma faculdade de direito, por anos não teria tentado por medo de algumas opiniões. | Um Português de 27 anos, Fellipe Neto, venceu a olimpiada de natação no México, depois, de vencer entre outras competições. Durante uma de suas competições, sofreu um acidente e necessitou amputar uma de suas pernas. |
| Portanto, persistir no que quer sempre, pois Adriano correu atrás e conseguiu vencer na vida, porque você também não conseguiria? e melhor investir nos seus sonhos pois vale a pena. | Se cada um daqueles que estavam lá não tivesse lutado pelo o que queriam, nem estariam ali, e se cada agricultor que sonhava em ser médico tivesse tentado, talvez também estivesse ali. | Se todos conseguissem enfrentar seus próprios limites e através de sua própria força de superação, enfrentassem seus medos a gente levaria nossa sociedade em avanço. Fellipe, mesmo sem uma das pernas, desafiou seus limites até alcançar seu objetivo. |

Como podemos perceber, são alunos atentos à estrutura, que segue um modelo padrão apresentado pelo professor. A desconfiança é que a escola ainda siga um modelo autônomo de letramento, em que o professor está “em cima”, dita os saberes aos alunos, e eles tem a responsabilidades de aprender. Conforme Street

(2014), esse modelo está voltado para o desenvolvimento de habilidades e competências individuais dos alunos.

Notamos que os alunos utilizam a escrita do siga o modelo, em que o saber do professor deve ser seguido e os exemplos reproduzidos. Vemos pelo exposto na tabela acima que eles seguem a estrutura, a temática, apresentando apenas algumas marcas de variação. Kleiman (2014) apresenta que esse modelo de letramento vê a escola como a instância que possibilita o desenvolvimento de competências aos alunos, e que os textos e as produções não estão ligados ao contexto.

Pensar esse modelo de letramento (o autônomo) é esquecer o valor social da leitura e escrita e voltar-se apenas para habilidades, vendo a escrita com um fim avaliativo, não possibilitando o aluno refletir sobre a própria escrita e como ela é utilizada de diferentes formas em vários ambientes.

Percebemos nas aulas e também por meio da escrita, que os alunos não tem contato com esse gênero fora do ambiente escolar, havendo um distanciamento do letramento escolar com os não institucionais. Os alunos têm dificuldades de enxergarem o texto como uma prática social, ação características do modelo autônomo, desenvolvendo habilidades, sem desenvolver uma criticidade sobre os textos. Numa citação exposta no ponto 2.2, do capítulo II, Street (2014) relata que a preocupação do professor, neste modelo, está em avaliar o que os alunos sabem sobre os textos escritos, sem se preocupar com sua utilização nos diversos contextos da sociedade.

Talvez seja eficiente trabalhar os gêneros fazendo ponte com as atividades letradas que os alunos vivenciam fora da escola, fazendo-os refletirem sobre prática social da escrita, para possibilitar o trabalho pensando no modelo ideológico apresentado por Street (2014), levando em conta o valor social da escrita, para fazer os alunos adquirirem criticidade sobre os textos exigidos na escola e não mera habilidades de decodificação.

Ainda diante do exposto na teoria, vimos que a escrita é solicitada e requerida na maioria das situações, sendo valorizada em nossa sociedade. Daí a importância de fazer os alunos compreenderem o seu valor social, pensando em sua função social e meio de circulação, para que tenham uma experiência de leitura e escrita significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cercados, em todos os lugares, por letras, é relevante um estudo sobre o letramento e sua importância na sociedade, visto que são práticas que vão além da decodificação, permitindo a compreensão e interpretação da função da escrita e seu valor social. O letramento escolar, como exposto, é o mais valorizado dentre os outros presentes na sociedade, por ser o que promove o ensino dos códigos escritos e o que dá *status* aos indivíduos.

Diante disso, fez-se necessário o estudo de uma das práticas de letramento do ambiente escolar, que se deu através do gênero crônica e de uma turma de 1ª série vespertino de uma escola pública, para chegarmos à compreensão de como é construída a identidade desses alunos por meio da escrita desse gênero.

Através deste estudo, notamos vários aspectos que constitui a identidade desses sujeitos, que estavam escondidos dentro das narrativas, como a marca de oralidade, a subjetividade (voz do aluno), o querer ascender socialmente e financeiramente, marcas escondidas no sentido do texto, que caracterizam e constituem os sujeitos/alunos. Esses aspectos, como vimos, são marcados por traços de letramentos não institucionais, preconceitos linguísticos, construções sociais, midiáticas (futebol) que fazem parte e formam a escrita e a inscrição no texto desses indivíduos.

Além de características da identidade dos alunos, foi identificado que o ensino ainda permanece em um modelo padronizado, autônomo, em que os alunos seguem o modelo do professor, apenas desenvolvendo habilidades e competências, não refletindo além, pensando no valor social da escrita. Vimos que esse modelo de ensino afasta as práticas escritas do aluno de seu contexto, não permitindo a ligação entre as práticas fora do ambiente escolar com as desenvolvidas na escola, o que afeta na hora da compreensão da leitura e escrita.

Diante do mencionado, percebemos a necessidade do ambiente escolar trabalhar o letramento por meio do modelo ideológico apresentado por Street, para que por meio das práticas de letramento desse ambiente o aluno consiga refletir sobre o valor da escrita nos contextos e situações de uso, pois o objetivo de se trabalhar os gêneros discursivos é fazer com que aluno o reconheça, compreenda e domine o ponto de vista de leitura e escrita.

Como vimos, faz-se necessário repensar o ensino dos gêneros discursivos, para possibilitar maior compreensão e interpretação sobre os textos, fazendo os alunos refletirem e pensarem nas práticas sociais desse gênero, sua funcionalidade e circulação.

Por fim, este estudo é relevante para área do ensino, por permitir perceber algumas questões que pode facilitar a aprendizagem dos alunos, trazendo avanços para o meio educacional. A contribuição se fundamenta em relação aos professores e seu método de ensino, podendo ser utilizado aspectos que traga o contexto do aluno para dentro de sala de aula, facilitando a compreensão dos gêneros discursivos solicitados nas práticas letradas exigidas nas escolas.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal. São Paulo. 2.Ed. Martins Fontes. 2003. Cap. 05. p.277-289.
- BRASIL. Programa Residência Pedagógica. **Projeto Institucional da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte**. Edital CAPES nº 06/2018. Coord. Meyre Ester Barbosa de Oliveira. Ago,/2018
- BUZEN, Clecio. **Os significados do letramento escolar como uma prática sociocultural**. In: Vóvio, C.; Sito, L.; De Grande, P. Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisa em linguística aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 99-120.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio. **A crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Rio de Janeiro: Unicamp, 1992. p. 14-22.
- FIAD, Raquel Salek. Reescrita, dialogismo e etnografia. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC, v. 13, n.3, p. 463-480. set/dez. 2013.
- FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso. **Revista Brasileira de Educação**, Caxambu, p.58-78. set. 1998.
- HEMETÉRIO FILHO, Petronilo. **História do município de PATU**. 2. ed. Natal, 2005.
- IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/rafael-godeiro/panorama> Acesso em: 10. Agosto. 2019.
- KLEIMAN, Angela B. **A construção de identidades em sala de aula: um enfoque interacional**. In: SIGNORINI, Inês. Língua(gem) e identidade: elemento para uma discussão no campo aplicado. 2. ed. São Paulo: Mercado das Letras, 1998. Cap. 4. p. 267-302.
- KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever? Linguagem e letramento em foco**. Cefiel/IEL/Unicamp, 2005/2010.
- KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.
- LUCENA, Maria Inêz. Práticas de linguagem na realidade da sala de aula: contribuições da pesquisa de cunho etnográfico em Linguística Aplicada. **Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 31, p.67-95. ago. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445056402228334085>. Acesso em: 30. Agosto. 2019.
- MALVACCINI, Bianca Alves. Linguagem como identidade: uma condição para o sucesso escolar. **Revista Práticas de Linguagens**, p.53-62. 2014.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. OS (DES)CAMINHOS DA IDENTIDADE. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Caxambu, v. 15, n. 42, p.08-21, fev. 2000. Anual.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, v. 20, n. 42, p.377-391, dez, 2014. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>. Acesso em 10. Agosto. 2019.

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

STREET, Brian. Dimensões “escondidas” na escrita de artigos acadêmicos. **Perspectiva**, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). v. 28. n.2, p.542-565, jul. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795x.2010v28n2>. Acesso em 29. Agosto. 2019.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. Tradução: Marcos Bagno.

ANEXOS

Crônica do aluno A, anexo 1

A Luta por um sonho

Um jogador de futebol, Adriano, começou a jogar bola no ABD de Natal, ele queria muito um dia realizar seu sonho de jogar no real madrid, mas, não tinha condições financeiras.

Então, quando ele acabaria no trabalho, ia direto para os treinos, (só que olha que isso ficava muito pesado para o jogador) e ele percebeu que poderia mudar a vida da família se joga-se bem, então investiu mais na tua carreira de jogador.

E purai o jogador começou a se destacar, ele realmente tinha feito a escolha certa. E ele recebeu propostas de clubes maiores e foi parar no real madrid, melhorando a vida da sua família.

Portanto, persistir no que quer sempre, pois Adriano correu atrás e conseguiu vencer na vida, porque você também não conseguiria? E melhor investir nos seus sonhos pois vale apenas.

Crônica do aluno B, anexo 2

Sonhos

Uma senhora de 71 anos, aparentemente bem, conseguiu realizar o seu grande sonho, entrar em uma faculdade de direito, por anos não teria tentado por medo de algumas opiniões.

Durante o seu primeiro dia de aula, os alunos teriam rido e falado da situação, na segunda semana ainda tinha alguns olhares lhe julgando, após três semestres todos já deveriam ter acostumado com a idéia, mas ainda se perguntavam o que levaria alguém na sua idade continuar estudando.

Se cada um daqueles que estavam lá não tivesse lutado, pelo o que queriam, nem estariam ali, e se cada agricultor que sonhava em ser médico tivesse tentado, talvez, também estivesse ali.

Muitos teriam desistido de primeira, outros nem tentariam mais, mas ainda que exista um sonho, haverá sempre uma chance e uma lição.

Se a senhora tivesse ligado realmente sobre o que as pessoas diziam ela não teria alcançado o que realmente queria. Nunca vai importar a idade, nunca será as pessoas sempre será o que você faz sobre a situação.

Crônica do aluno C, anexo 3

Superando os limites

Um Português de 27 anos, Fellipe Neto, venceu a olimpíada de natação no México, depois, de vencer entre outras competições. Durante uma de suas competições, sofreu um acidente e necessitou amputar uma de suas pernas.

Depois do acidente, quis provar pata si que poderia se superar e continuar em busca de seus sonhos, não desistiu mesmo todos dizendo que não iria conseguir, até mesmo sua família não o apoiava, então ele tentou e tentou, até conseguir se superar.

Se todos conseguissem enfrentar seus próprios limites e através de sua própria força de superação, enfrentassem seus medos a gente levaria nossa sociedade em avanço. Fellipe, mesmo sem uma das pernas, desafiou seus limites até alcançar seu objetivo.

Assim como Félippe, precisamos superar nossos limites e enfrentou tudo aquilo que parece impossível, pois, se as pessoas não tentassem se superar, a humanidade não teria chegado a modernidade e o avanço que chegamos, mesmo que digam que você não é capaz, você só irá saber se tentar.

Crônica utilizada em sala de aula, anexo 4

A luta e a lição

Um brasileiro de 38 anos, Vítor Negrete, morreu no Tibete após escalar pela segunda vez o ponto culminante do planeta, o monte Everest. Da primeira, usou o reforço de um cilindro de oxigênio para suportar a altura. Na segunda (e última), dispensou o cilindro, devido ao seu estado geral, que era considerado ótimo.

As façanhas dele me emocionaram, a bem sucedida e a malograda. Aqui do meu canto, temendo e tremendo toda a vez que viajo no bondinho do Pão de Açúcar, fico meditando sobre os motivos que levam alguns heróis a se superarem. Vítor já havia vencido o cume mais alto do mundo. Quis provar mais, fazendo a escalada sem a ajuda do oxigênio suplementar. O que leva um ser humano bem sucedido a vencer desafios assim?

Ora, dirão os entendidos, é assim que caminha a humanidade. Se cada um repetisse meu exemplo, ficando solidamente instalado no chão, sem tentar a aventura, ainda estaríamos nas cavernas, lascando o fogo com pedras, comendo animais crus e puxando nossas mulheres pelos cabelos, como os trogloditas --se é que os trogloditas faziam isso. Somos o que somos hoje devido a heróis que trocam a vida pelo risco. Bem verdade que escalar montanhas, em si, não traz nada de prático ao resto da humanidade que prefere ficar na cômoda planície da segurança.

Mas o que há de louvável (e lamentável) na aventura de Vítor Negrete é a aspiração de ir mais longe, de superar marcas, de ir mais alto, desafiando os riscos. Não sei até que ponto ele foi temerário ao recusar o oxigênio suplementar. Mas seu exemplo --e seu sacrifício-- é uma lição de luta, mesmo sendo uma luta perdida.



Carlos Heitor Cony, 80, é membro do Conselho Editorial da **Folha**. Romancista e cronista, Cony foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 2000. Escreve para a **Folha Online** às terças.